



Ana Vieira é doutora em Ciências da Educação, na área da Educação Social e Mediação Sociopedagógica e mestre em Ciências da Educação – História e Problemas Atuais da Educação pela UTAD- Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

É, atualmente, professora adjunta na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS) do Instituto Politécnico de Leiria (IPL) e investigadora do do CICS.NOVA_pólo do IPLeiria.

Trabalhou em Portugal com Américo Peres, Professor agregado na UTAD, e em Espanha com José António Caride, professor catedrático na Universidade de Santiago de Compostela.

A sua investigação incide sobre Mediação intercultural, Educação social, Pedagogia Social, Mediação Sociopedagógica, Mediação Sociocultural, Trabalho Social e Indisciplina, áreas onde tem publicado em livros, revistas nacionais e estrangeiras, e onde tem desenvolvido comunicações que tem apresentado em congressos nacionais e internacionais.

É investigadora integrada do CICS.NOVA.IPLeiria.

É, ainda, membro da RESMI – Rede de Ensino Superior de Mediação Intercultural.



Ricardo Vieira nasceu em Albergaria dos Doze, em 1961. É Mestre em Antropologia Social e Sociologia da Cultura pela FCSH-UNL, Doutor em Antropologia Social, Pós-Doutor em Serviço Social e Agregado em Antropologia da Educação pelo ISCTE. No ano de 2000, foi galardoado com o Prémio Rui Grácio, prémio nacional para o melhor trabalho de investigação em Educação realizado em Portugal, SPCE (Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação).

É, atualmente, Professor Coordenador Principal (Full Professor) da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, Professor Decano do Instituto Politécnico de Leiria e Investigador do CICS.NOVA_pólo do IPLeiria.

Trabalhou em Portugal com Raul Iturra, Professor Catedrático do ISCTE-IUL, e em França com Pierre Bourdieu, François Bonvin, Monique Saint Martin e Marie Elisabeth Handman da EHES e do Collège de France.

As suas áreas de investigação preferenciais, onde tem publicado vários livros e artigos científicos são: Histórias de Vida e Identidades; Metamorfoses da Identidade; Antropologia da Educação; Educação e Diversidade Cultural; Mediação Intercultural; Identidades nos Idosos; Pedagogia Social e Identidades Pessoais e Profissionais.

É investigador integrado do CICS.NOVA.IPLeiria.

É, ainda, membro da RESMI – Rede de Ensino Superior de Mediação Intercultural.

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UID/SOC/04647/2013



05

Pedagogia Social, Mediação Intercultural e (Trans)formações

ANA MARIA VIEIRA | RICARDO VIEIRA

05

ANA MARIA VIEIRA | RICARDO VIEIRA

Pedagogia Social, Mediação Intercultural e (Trans)formações

COLEÇÃO a página

ÍNDICE

Nota de apresentação	7
<i>Isabel Baptista</i>	
Prefácio	9
<i>José Antonio Caride</i>	
Prefácio	13
<i>Américo Peres</i>	
Introdução	17
<i>Ana Maria Vieira Ricardo Vieira</i>	

Capítulo 1

A MEDIAÇÃO INTERCULTURAL COMO PRÁTICA DA PEDAGOGIA SOCIAL

1. Educação Social, Pedagogia Social e Competências na Intervenção do Profissional	25
<i>Ana Vieira</i>	
2. Da Desconstrução do Formal e não Formal na Educação Social	39
<i>Ricardo Vieira Ana Maria Vieira</i>	
3. Da Profissão [Educação Social] ao Campo de Conhecimento [Pedagogia Social]: Profissão e Profissionalização em Educação Social	47
<i>Ana Maria Vieira Ricardo Vieira</i>	
4. Pedagogia Social, Mediação Intercultural e Intervenção Social	55
<i>Ricardo Vieira Ana Maria Vieira</i>	
5. Competências da Mediação Intercultural como prática da Pedagogia Social	65
<i>Ana Maria Vieira Ricardo Vieira</i>	
6. Da visão tradicionalista da Pedagogia Social à nova Educação Social	71
<i>Ana Maria Vieira Ricardo Vieira</i>	
7. Ética(s) e Educação Social	80
<i>Ricardo Vieira Ana Maria Vieira</i>	

Capítulo 2
PEDAGOGIA SOCIAL, MEDIAÇÃO E INTERVENÇÃO

1. Viver e Conviver: Pedagogia Social, Comunicação e Mediação Intercultural	95
<i>Ricardo Vieira Ana Maria Vieira</i>	
2. Intervenção Social, Mediações Socioculturais, Prevenção e Resolução	98
<i>Ana Maria Vieira</i>	
3. Educação Proibida e Pedagogias da Transformação	103
<i>Ricardo Vieira Ana Maria Vieira</i>	
4. A Pedagogia Social e a Mediação na Transformação dos Olhares Patologizadores das Diferenças Socioculturais	106
<i>Ana Maria Vieira</i>	

Capítulo 3
NA ESCOLA:
PEDAGOGIA SOCIAL E MEDIAÇÃO INTERCULTURAL

1. Diversidade Cultural e Mediação Escolar	113
<i>Ricardo Vieira Ana Maria Vieira</i>	
2. A patologização da Diferença em Territórios Escolares	117
<i>Ana Maria Vieira Ricardo Vieira</i>	
3. As Potencialidades da Mediação Escolar ou da Mediação Sociopedagógica na Construção de uma Escola para a (Con)vivência	121
<i>Ana Maria Vieira</i>	
4. Tensões Sociais e Conflitos na Escola: da Prevenção e da Resolução	124
<i>Ana Maria Vieira</i>	
5. Educação, Escola, Aprendizagem e Ensino	127
<i>Ricardo Vieira</i>	
6. Educação e Trabalho Social na Escola	130
<i>Ana Maria Vieira Ricardo Vieira</i>	
7. Ensino Superior, Mediação Sociocultural e Sociopedagógica	133
<i>Ana Maria Vieira</i>	
8. Pedagogias Diferenciadoras e Emancipadoras	136
<i>Ana Maria Vieira Ricardo Vieira</i>	

Capítulo 4
COMPLEXIDADE
E (TRANS)FORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS

1. Da (In)comunicação nos Sistemas de Ensino: breve apontamento	153
<i>Ricardo Vieira Ana Maria Vieira</i>	
2. Ensino Politécnico e Ensino Universitário: nomes, coisas e “faz de conta”	156
<i>Ricardo Vieira</i>	
3. Professor ou Contratado?	165
<i>Ana Maria Vieira</i>	
4. Ser Voluntário...	168
<i>Ricardo Vieira Ana Maria Vieira</i>	
5. Escola, Educação e Ensino: incursões reflexivas a propósito da adequação ao Processo de Bolonha	171
<i>Ricardo Vieira Ana Maria Vieira</i>	
6. Escola, Física e Sociedade	174
<i>Ricardo Vieira</i>	
7. Dar e Receber: conteúdo, forma e mudança na vida dos professores em Bolonha	177
<i>Ricardo Vieira</i>	

TÍTULO

Pedagogia Social, Mediação Intercultural e (Trans)formações

AUTOR

Ana Maria Vieira | Ricardo Vieira

EDIÇÃO

PROFEDIÇÕES, Lda./ Jornal a Página

COLEÇÃO

a Página

CONCEÇÃO GRÁFICA

Sersilito – Empresa Gráfica, Lda.

Tiragem

1000 exemplares

Depósito legal

408254/16

ISBN

978-972-8562-74-8

1.ª Edição: Abril 2016

PROFEDIÇÕES, Lda. / Jornal a Página da Educação

R. D. Manuel II, 51 C – 2.º andar – sala 2.5

4050-345 Porto

Tel. 226 002 790 • Fax 226 070 531

livros@profedicoes.pt

redacao@apagina.pt

<http://www.apagina.pt/>

<http://www.profedicoes.pt/livraria>

NOTA: Os textos publicados na coleção a Página são sujeitos a um processo de arbitragem científica assegurado por investigadores devidamente acreditados, pertencentes ao Conselho Editorial e/ou à bolsa de colaboradores permanentes da revista a Página da Educação.

3.

Da Profissão [Educação Social] ao Campo de Conhecimento [Pedagogia Social]: Profissão e Profissionalização em Educação Social

Ana Maria Vieira

ESECS-IPL e CICS.NOVA.IPLeiria

Ricardo Vieira

ESECS-IPL e CICS.NOVA.IPLeiria

Habitualmente, a tradição académica enfatiza o caminho que vai da teoria à prática de uma profissão. No caso da Educação Social, considerada como profissão, a maior parte dos autores preferem partir dela para pensar o campo de conhecimento, neste caso, a Pedagogia Social (Carreras e Molina, 2006). Entende-se, assim, que a proposta de partir do estudo da prática profissional – Educação Social – para o campo de conhecimento da disciplina – Pedagogia Social – é mais congruente uma vez que é a teoria que é construída e reconstruída a partir da prática experienciada, observada e estudada.

Ainda de acordo com Carreras e Molina (2006), a Pedagogia Social é um campo de conhecimento teórico e uma prática docente – um dos seus objetivos fundamentais é a preparação e qualificação dos profissionais de Educação Social. Essa preparação para o mundo do trabalho faz-se através da formação em instituições legitimadas para o efeito, normalmente, em universidades, com objetivos, conteúdos, métodos, técnicas de ensino aprendizagem, recursos e meios para facilitar a atividade docente, métodos de avaliação, etc. A formação é pensada e desenhada atendendo à profissão e aos profissionais que se pretendem qualificar. Mas, uma vez mais, tem de se pensar a partir da prática

e não exclusivamente a partir de modelos teóricos. E isto pressupõe pensar em investigação-ação, investigação em terrenos concretos com observação direta ao modo antropológico. Deste modo, a Pedagogia Social pode crescer a partir do estudo da *praxis*. Unir a investigação e a análise da prática, construindo conhecimento teórico, é potenciar a relação entre teoria e prática e desconstruir esta falsa dicotomia tão usada noutros territórios e âmbitos profissionais. De facto, teoria e prática são duas faces da mesma moeda. Nesta linha, um manual de formação em Pedagogia Social deixa de ter a mesma força que noutra área de conhecimento. Os textos têm que ser vistos e compreendidos sempre a apar de reflexões sobre práticas educativas e problemas da sociedade contemporânea. Finalmente, esta metodologia, a da reflexão sobre a prática, a da construção de teoria a partir da prática, permite ultrapassar o divórcio universidade/sociedade.

Há, portanto, uma estreita ligação entre teoria e prática na Pedagogia Social e na Educação Social. O saber sociopedagógico tem em conta, simultaneamente, a exigência da interdisciplinaridade, de especialização, conforme as áreas de intervenção, e a transversalidade de saberes e a ligação crítica entre reflexão e ação. Por isso defendemos o educador social como um profissional reflexivo.

Alguns autores (Fermoso, 1994) colocam a Pedagogia Social na interface entre a teoria e prática apresentando-a como tendo a função de fundamentar, justificar e compreender a intervenção social dos educadores sociais. Outros autores (Saez) como vimos, identificam a Pedagogia Social como campo de conhecimento teórico cujo objetivo é a formação e preparação dos profissionais de Educação Social. Por seu lado, José António Caride (2005), é claro na sua defesa da Pedagogia Social como a ciência matriz da Educação Social devendo, portanto, funcionar como saber profissional de referência dos educadores sociais.

Apesar de algumas pequenas divergências entre autores, uma coisa é certa: a Educação Social situa-se no interface entre as ciências sociais, as Ciências da Educação e a Pedagogia Social mais virada pra o espaço de intervenção socioeducativo e tem um caráter transdisciplinar e praxiológico, o que corresponde a entender de mãos dadas a teoria e prática social. *“Esta posição é extremamente curiosa porque faz confluir num mesmo espaço epistemoantropológico, as dimensões teórica, prática e formativa da Pedagogia Social”* (Carvalho e Baptista, 2004: 57).

Por isso é tão fundamental a dimensão relacional (Vieira e Vieira, 2013); o profissional da relação na prática do educador social (Vieira, A., 2013). José António Caride e Américo Peres, escrevem, a este propósito, que

“[...] se deve promover correspondendo, assim, a qualquer educação que, para além de se reconhecer competente para «formar», assume os seus imperativos (trans)formadores. É este desiderato que se pretende ao invocar a Pedagogia-Educação Social e os múltiplos que com ela se abrem as práticas educativas inovadoras, nos termos em que se propõe a “mediação” e a “animação”, seja educativa, social e/ou cultural, face aos enormes desafios que a sociedade globalizada, da informação e do conhecimento traz consigo”. (Caride e Peres, 2013: 24).

Mas esta profissão da relação tem, também, algumas dificuldades que devem ser refletidas, tais como: a necessidade de conciliação do distanciamento sujeito/objeto com a implicação profissional e a envolvimento nas situações; a questão da demora entre a reflexividade sobre os fenómenos sociais e educativos e a urgência de determinadas intervenções sociopedagógicas; a dificuldade em fugir ao reducionismo das perspetivas monodisciplinares para abarcar uma dimensão holística/global da Educação Social que trata da complexidade e, portanto, do Homem enquanto ser biopsicossociocultural (olhar às árvores mas não deixar nunca a noção e conceção da floresta).

A questão da profissionalização de um campo ou a questão das profissões em geral são habitualmente tratadas pela sociologia das profissões ou pela história dos serviços que aspiram a ser profissões mas também pelos diversos campos que reivindicam o seu reconhecimento. É esse o caso da Pedagogia Social e da Educação Social como profissão que visam, no momento, processos de profissionalização na medida em que querem delimitar o seu campo de intervenção relativamente às profissões afins mas, também, porque querem afirmar-se socialmente na área social e educativa. Na verdade, a Pedagogia Social e Educação Social surgem-nos como um campo plural de investigação e intervenção (Baptista, 2012: 5) em que a

“educação desempenha um papel decisivo nos processos de desenvolvimento pessoal e sociocomunitário, devendo tornar-se num bem acessível a todos.

O que, desde logo, implica uma atenção particular às pessoas que, sofrendo situações de privação e vulnerabilidade, enfrentam dificuldades especiais no exercício do seu dever de aprendizagem e do seu direito de formação. Ligada a um imperativo de solidariedade inalienável, esta atenção prioritária inscreve-se, porém, num projeto mais amplo e audacioso de promoção de verdadeiras culturas sociais de aprendizagem”

Se a definição de profissão suscita consensos e discórdias, a verdade é que todos reconhecem a complexidade do que são os processos de profissionalização. Complexidade que aumentou pelas mudanças ocorridas em consequência das transformações sociais que abrem novos espaços de intervenção assim como deixam outros mais vazios, por exemplo, com a introdução de novas tecnologias, como regista Nerot (1974) a propósito da teoria das profissões.

O séc. XX teve muito a ver com a consolidação das profissões (Larson, 1977 e 1979; Bertilsson, 1990). Para estes autores, os grupos ocupacionais iniciam processos de profissionalização tanto através do reconhecimento da atividade desenvolvida como pela busca de recursos e pela obtenção de legitimidade por parte do Estado sem o qual não poderiam desenvolver-se.

De acordo com Garcia Molina e Sáez Carreras, (2006), o processo de profissionalização traduz-se numa dupla direção:

1. Transformar as ocupações em profissões, uma vez que estas promovem mais notoriedade;
2. Promover como última finalidade do processo de profissionalização a questão da construção de uma carreira ou a formação especializada que permita às profissões e profissionais obter prestígio em volta do qual se movimentam.

Segundo estes mesmos autores, a criação de uma cultura profissional depende diretamente da formação o que faz gerar a comunhão de valores junto dos profissionais que se formam através dos mesmos. Além disso, a formação vai gerando convicções e atividades sobre objetivos e modos de organização; conceções acerca do papel que devem cumprir; perceções acerca dos profissionais mais próximos dos quais há que fazer uma distinção e delimitar um território identitário.

Há um forte consenso em volta da ideia que

“«o objeto genérico da Pedagogia Social é a Educação Social, ou se quisermos, a ação ou intervenção pedagógico-social ou socioeducativa» (Ortega, 1997:108), ainda que a transgressão concetual irónica feita por Trilla (1998:83) permita interpretar que muito do que se diz e faz na Pedagogia Social divide os que se dedicam a ela em dois grupos: «os que tratam dos inadaptados e os que discutem sobre o conceito de inadaptação»” (Caride, 2005: 50-51).

Mas não há dúvidas que estamos perante alguma dificuldade em delimitar quer o campo da Pedagogia Social enquanto saber formativo para o Educador Social quer enquanto operatório e interventivo da Educação Social que não pode existir autonomamente sem uma teoria orientadora da ação. Podemos dizer que essa teoria orientadora é a Pedagogia Social. Mas subsiste um dilema resultante da supremacia da escola e dos processos pedagógicos e de educação escolar que se retiraram do todo social para se dedicarem, em particular, à literacia, à numeracia, à história e à geografia. As dimensões da cidadania e dos direitos e dos deveres foram sempre um parente menos nobre; algo que a escola tratou ora como não curricular ora como extracurricular ora como não disciplinar, etc. Talvez isso mesmo tenha contribuído para o recente desenvolvimento da Pedagogia Social e da Educação Social como campos de intervenção com pessoas, grupos e comunidades, bem como com instituições sociais sejam elas escolares ou não escolares. Apesar de excluídas da escola, a Pedagogia Social e a Educação Social são hoje, paradoxalmente, reivindicadas no e pelo sistema escolar que ser quer afirmar mais social, mais ligado às famílias e comunidades, mais educativo e menos escolástico, afirmando-se, pelo menos em termos de retórica, menos por somatórios de disciplinas e mais por projetos educativos e pedagogias de projeto.

Na verdade, toda a educação é, ou deveria ser, social. Por que razão, então, a criação de uma para além da outra? José António Caride afirma que

“as dificuldades para definir a «Educação Social» – toda a educação o é, quer se adjective ou não – constitui um dos problemas inerentes à concretização do objeto da Pedagogia Social – mais um problema e, talvez, o mais importante – num território epistemológico tão complexo como é o que acolhe as Ciências da Educação e as Ciências Sociais.” (Caride, 2005:51).

Tentando responder às questões que lançámos no início do período anterior, diríamos que a educação escolar se tem que transformar, também, numa educação mais social e trabalhar em rede, em territórios educativos com outras instituições, com as famílias e as comunidades, através de uma articulação feita pela Mediação Intercultural e Comunitária (Giménez, 2010, 2014). Contudo, mesmo que a escola se dote de educadores sociais, assistentes sociais e mediadores interculturais a trabalhar em rede com professores, dificilmente ela conseguirá, alguma vez, abarcar as áreas de intervenção social onde a Educação Social se foi especializando (Vieira, A. 2013).

Por outro lado, o desenvolvimento da Educação Social, em contexto de Ensino Superior, permitiu uma maior preparação dos profissionais, com estágios curriculares, etc. facilitando a articulação entre a teoria e prática.

Relativamente às encruzilhadas da identidade entre a Educação Social e outras profissões de Trabalho Social, convém frisar, neste capítulo, que o trabalho dos educadores sociais é concebido a partir de uma perspetiva educativa, transformadora e emancipatória fugindo ao assistencialismo e centrando-se nas pessoas, baseando-se na sua autonomia, capacitação e desenvolvimento (Azevedo e Correia, 2013). Efetivamente, o principal objetivo da educação é que as pessoas sejam protagonistas da sua própria transformação, numa perspetiva consciencializadora. O educador social, em Portugal, atua no campo da intervenção social, através da educação, deixando a responsabilidade da proteção social, da análise sistemática da realidade, etc. essencialmente para o profissional do Serviço Social. Por outro lado, o educador social direciona-se mais para uma vertente preventiva e transformadora, enquanto o assistente social se profissionaliza para uma vertente mais resolutiva. No entanto, nada disto é estanque. Ambos os profissionais referidos podem atuar e atuam nas duas vertentes que, finalmente, não são separáveis verdadeiramente, a não ser numa ação pouco fundamentada teoricamente.

É verdade que tende a existir cada vez uma maior interdisciplinaridade no domínio do trabalho social com intervenção em equipas multidisciplinares, com profissionais de áreas diferentes mas complementares, trabalhando, todos, para o mesmo fim.

Isabel Baptista (2004) situa a Educação Social num espaço profissional entre os educadores-professores (com quem partilha o saber pedagógico) e os tra-

balhadores sociais (com quem partilha os mesmos territórios de intervenção). Esta aproximação a duas áreas profissionais obriga a movimentos de aproximação e separação, de confluência e de especialização.

Por outro lado, há também autores (Capul e Lemay, 2003) que preferem considerar a Educação Social como um campo e não como uma disciplina uma vez que neste campo podem operar outros profissionais para além do educador social (trabalhadores sociais diversos, mediadores, assistentes sociais).

Apesar das mais-valias do educador social como um profissional flexível e criador de pontes, enquanto mediador social e intercultural entre diferentes contextos socioculturais, o que, sem dúvida, é uma grande vantagem em termos profissionais, a Educação Social em Portugal sofre ainda de alguma ausência de cultura profissional o que tem dificultado o reconhecimento externo da profissão por parte de algumas instituições mais tradicionalistas no domínio do trabalho social.

Em síntese, agora, o educador social tem que se assumir como um profissional da mediação social, um construtor de pontes, um construtor de concertações sociais e de relações interpessoais sadias de convivência, de projetos de vida individual e social numa perspetiva antropológica, consequência dos direitos humanos que pretende conciliar a diversidade na unidade das sociedades.

E as competências do educador social são, necessariamente, multidimensionais e implicam preparação técnica mas também o desenvolvimento de competências humanas tais como o autodomínio, a empatia, a abertura ao outro e a capacidade de enfrentar o risco e o sofrimento.

Referências Bibliográficas

- A.A.V.V. (2008). *Mediación intercultural: una propuesta para la formación*. Madrid:Ed. Popular.
- AZEVEDO, S. e CORREIA, F. (2013). "A Educação Social em Portugal: a evolução da identidade profissional", in *RES Revista de Educación Social*, pp 1-11.
- BAPTISTA, I. (2012). "Pedagogia Social, um campo plural de investigação e intervenção" in *Cadernos de Pedagogia Social*, nº4 pp 5-8.
- BERTILSSON, M. (1990). "The welfare state, the professions na citizens" in TORSTENDAHL, R. e BURRAGE, M. (eds). *The Formation of Professions: Knowledge, State and Strategy*. Londres: Sage, pp 114-133.

- CAPUL, M. e L., Michel (2003). *Da educação à intervenção social*, Vol. I e II. Porto: Porto Editora.
- CARIDE, J.A. (2011). "As identidades da Animação Sociocultural nas fronteiras da sociedade globalizada" in PEREIRA, J. e LOPES, M. (coords). *As fronteiras da Animação Sociocultural*. Amarante: Ed. Intervenção.
- CARIDE, J.A. e PERES, A. (2013). "Prefácio" a VIEIRA, A. *Educação Social e Mediação Sociocultural*, Porto: Profedições.
- CARIDE, José Antonio (2005). *Las Fronteras de la Pedagogia Social. Perspectivas científica e histórica*. Barcelona: Editorial Gedisa.
- CARRERAS, Juan Sáez e MOLINA, José Garcia (2006). *Pedagogia Social Pensar la Educación Social como profesion*. Madrid: Alianza Editorial.
- CARVALHO, A. D. & BATPISTA, I. (2004). *Educação Social fundamentos e estratégias*. Porto: Porto Editora.
- COHEN-EMERIQUE, Margalit (2008). "Presentación", in A.A.V.V. *Mediación intercultural: una propuesta para la formación*. Madrid:Ed. Popular, pp 17-23.
- FERMOSO, P. (1994). *Pedagogia Social. Fundamentación científica*. Barcelona: Herder.
- GIMÈNEZ, C. (2010). *Interculturalidade e Mediação*. Lisboa: ACIDI,IP.
- GIMENEZ, Carlos (2014). *Seminário Intensivo sobre mediação intercultural*, Madrid: IMEDS e ACM
- LARSON, Magali S. (1977). *The Rise of Professionalism*. Berkeley: University of California Press.
- MORIN, E. (2008). *Introdução ao Pensamento Complexo*: Lisboa: Instituto Piaget
- NEROT, S. (1974). "Les professions du travail social" in CRAPUCHET S. (ed.). *Sciences de l'ombre et professions sociales*. Toulouse:Privat.
- NICOLESCU, B. (2000). *O manifesto da transdisciplinaridade*. Lisboa: Hugin.
- VIEIRA, A. (2013). *Educação Social e Mediação Sociocultural*. Porto: Profedições.
- VIEIRA, A. e VIEIRA, R. (2013). "Pedagogia Social, Comunicação e Mediação Intercultural" in *A Página da Educação*, n.º Extra Série, Outono de 2013, pp. 34-35.